

# ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES NA COOPERAÇÃO EUROPEIA NO DOMÍNIO DA INFORMAÇÃO

**MARIA FERNANDA DUARTE PACHECO**  
assessora no Gabinete de Estudos e Planeamento  
do Ministério da Justiça

Para além da grande novidade do 7<sup>me</sup> Congrès sur l'Information et la Documentation, organizado pelas ADBS \* e pela ANTRI \*\* que consistia no espaço reservado às novas tecnologias aplicadas à Informação, e em que os produtores de grandes marcas (não só europeus, note-se) de «hardware» e «software» apresentaram uma variedade de produtos cuja necessidade, nós, documentalistas, ainda há pouco tempo, tínhamos dificuldade em lhes fazer compreender — a tónica geral da IDT 87 \*\*\* fixou-se predominantemente na urgência da cooperação europeia ocidental no domínio da informação, no sentido da libertação, face aos poderosos sistemas informativos dos Estados Unidos e até ao peso crescente que o Japão vai assumindo neste campo.

E, se por um lado, em vários momentos da reunião, foi lembrado que o séc. XXI é já o nosso, não deixaram de ser frequentes as alusões passadistas à antiguidade e especificidade da civilização europeia que urge preservar, ultrapassadas que foram as antigas e dolorosas querelas que dividiram a Europa ainda num passado recente, de modo a, com urgência, ser definido pela actual Comunidade dos Doze, um *perfil europeu de comunicação*, criando circuitos de conhecimentos que entrem rapidamente em circulação e possam estar presentes

---

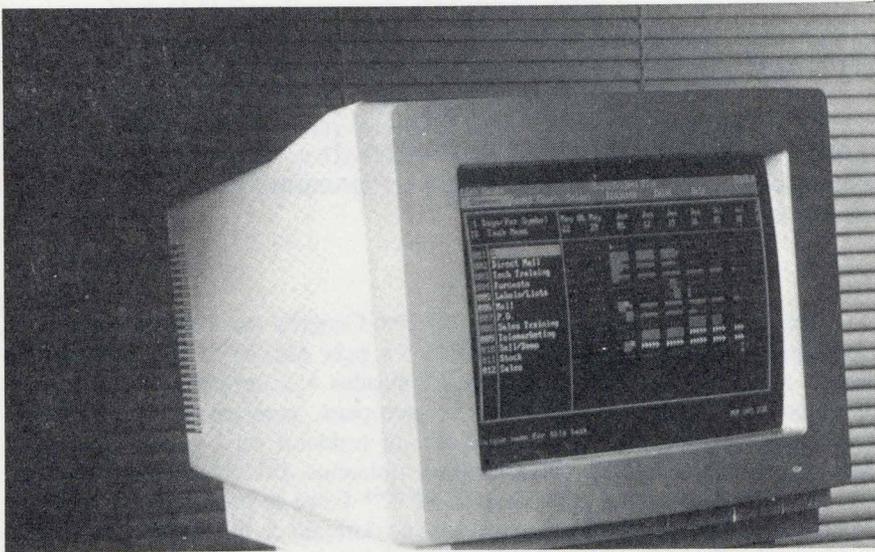
\* ADBS: Association Française des Documentalistes e des Bibliothécaires Spécialisés.

\*\* ANTRI: Association Nationale de la Recherche Technique (França).

\*\*\* IDT 87: L'ESPACE EUROPÉEN DE L'INFORMATION, 7<sup>me</sup> Congrès sur l'Information et la Documentation, Strasbourg 12-14 Mai 1987.

no «pelotão dianteiro», no dia em que vier a realizar-se um «Mundial de Comunicação e da Informação», segundo uma imagem bem expressiva de Mr. Buisson, director do Club L'Européen.

Dentro desta óptica e, como já se esperava, foi amplamente debatido o problema das redes de informação que, verificámos, com algum espanto e desgosto, não estarem ainda formalizadas em muitas áreas e, tal como acontece entre nós, assentarem algumas delas apenas na boa vontade e no espírito de cooperação das pessoas, mas carecendo de estruturação institucionalizada, o que lhes limita os meios e a eficácia. Assim, apenas foi mencionada como já fortemente implantada, uma rede de informação para a saúde pública, em França, na Lorraine, na qual colaboram todos os representantes locais e regionais da área da saúde, com forte apoio da Faculdade de Medicina de Nancy I e ainda



algumas redes inter-regionais entre Universidades, indo, contudo, o destaque, como realização segura, para a rede de informação das Nações Unidas, apresentada como exemplo, pela Biblioteca de Genève, na qual, porém, é difícil escamotear o grande peso que nela representa o avanço dos Estados Unidos nesta matéria.

M<sup>de</sup> Dusoulrier, a apresentadora deste trabalho, e dado o contexto da IDT 87, procurou pôr a tónica nas dificuldades que ainda existem em fazer entrar a informação nos circuitos nacionais, apesar do avanço nas redes de telecomunicações, e a dificuldade que o carácter não selectivo das mais de 300 bases de dados automatizadas de que a ONU dispõe, representa, face à necessidade, dia-a-dia mais sentida, não de muita informação «ruidosa» mas da única pertinente e, especialmente, da última, não já bibliográfica mas factual e sintética (estilo Reports»).

Pondo de lado exemplos de cooperação europeia como a EURONET/DIANE, já bem conhecida, e na área das novas tecnologias o CD-ROM, e a telemática, eu preferiria chamar a atenção para o grande alerta da IDT 87: urge que a Europa tome consciência de que o momento que se vive não tem nada, mesmo nada, de comum com os processos de desenvolvimento vividos anteriormente.

A revolução industrial já lá vai e, agora, é a informação, a matéria-prima essencial que veio alterar todo o sistema de conhecimentos mas, num tal ritmo de mutação acelerada, que, ao alcance do homem de hoje está algo sempre julgado impossível: o dom da ubiquidade. Isto, de resto, foi pressentido no seio das Comunidades e vê-mo-lo já na própria composição da DGXIII que reúne realidades ainda há pouco separadas como as Telecomunicações, as Indústrias de Informação e a Inovação (TIII).

E, se o grande impacto desta IDT 87 foi realmente, quanto a mim, o espaço atribuído às novas tecnologias, este facto provoca-me 2 espécies de reflexão: por um lado, o aspecto muito positivo de tão rapidamente terem sido ultrapassadas as dificuldades no diálogo entre informáticos e documentalistas («softwares» dos mais variados estão hoje disponíveis para ocorrer a quase todas as necessidades no tratamento de informação); por outro lado, negativamente, está essa mesma explosão informática que, tendo subjacentes interesses comerciais (cada produtor procura ultrapassar os seus concorrentes, e isso, era nítido entre os expositores da IDT 87), provocará necessariamente dificuldades, por excesso, na tomada de opções por parte dos utilizadores e dificultará a eficiência e a rapidez do «retrieval», dada a multiplicidade de linguagens e custo dos «hardware» e «software» que rapidamente se tornam incompatíveis e obsoletos.

Há, pois, por um lado, que ter grande cuidado, antes da criação de novas bases de dados (diz-se que, na Europa, há mais de 300 acessíveis em linha) e, por outro, é nítido que a Europa precisa de organizar-se, neste domínio, de cooperar mais efectiva e racionalmente do que até aqui, se quer, como disseram em Estrasburgo alguns responsáveis pela política de informação, *preservar a identidade cultural do seu espaço de informação*, e constituir a tal comunidade integrada com um matiz espiritual e cultural próprio que outra qualquer informação, via satélite ou por qualquer outra via, não venha «colonizar».

Não são só os documentalistas que precisam de estar atentos a isto, mas antes deles os que detêm o poder político e que nós, obviamente, devemos procurar sensibilizar no sentido da obtenção do tal *perfil europeu de comunicação* no qual será desejável que os traços da cultura portuguesa possam, por seu lado, manter o seu próprio matiz que lhe advém, afinal, de uma cultura de séculos.